

A MODERNIDADE, O DIREITO E AS NOÇÕES DE NATUREZA E DE CULTURA

Aluna: Tainá Martins

Orientador: Francisco de Guimaraens

Introdução

O interesse pelo tema se mostrou devido a inquietações de natureza intelectual ao que parecia “dado”, a saber, o modo de ver o mundo através da divisão natureza/cultura. Discussões ocorridas não só no PET como nas aulas de Antropologia sugeriram algumas alternativas para pensar criticamente tal divisão, bem como relativizá-la.

As questões ambientais da atualidade são um exemplo concreto de como a relação do homem com os não humanos tem de ser pensadas em outros termos que não a divisão natureza/cultura, pois elas evidenciam os híbridos que existem no meio dessa divisão, impensáveis a partir dela - uma vez que o homem intervém na natureza e os efeitos dessa intervenção são prejudiciais, a partir de que ponto de vista, tal fenômeno deve ser pensado? da natureza ou da cultura?

Objetivos

O que se pretendeu com o estudo do tema foi expor a insuficiência da divisão natureza/cultura para pensar a relação dos seres humanos com tudo os “não humanos”, principalmente devido às conseqüências catastróficas para ambas as partes (como os desastres ambientais anteriormente mencionados), que apontam a necessidade de rever tal divisão.

Além disso, outro ponto importante analisado foi o modo como tal divisão se formou na Modernidade, o que evidenciou a não “naturalidade” da divisão natureza/cultura. Nesse sentido, os estudos antropológicos foram precisos em expor como outras “culturas” pensam a relação do homem com os não humanos de forma distinta.

Metodologia

A primeira parte do trabalho buscou expor como os conceitos de natureza e de cultura se formaram ao longo da Modernidade, bem como o modo pelo qual o conhecimento do mundo se deu a partir da divisão natureza/cultura.

Posteriormente, foi analisada o contexto de surgimento da Ciência na Modernidade e os efeitos do conhecimento científico ao longo dos séculos até os dias atuais, com destaque para a necessidade de rever igualmente como pensar o papel da ciência na sociedade, não mais a partir de um discurso científico indiscutível capaz de conduzir ao progresso, mas sim a partir de toda complexidade e dos impasses que as novas descobertas científicas produzem.

Por fim, através de relatos antropológicos, observou-se como outras “culturas” pensam a relação que elas estabelecem com os não humanos, como alternativas a problematizar o ponto de vista moderno ocidental acerca dessa relação, sempre vista a partir da dicotomia natureza/cultura.

Conclusões

O estudo permitiu concluir que a divisão natureza/cultura, antes de ser um “dado” é um aspecto cultural característico dos ocidentais a partir da Modernidade – os estudos

antropológicos acerca dos ameríndios da Amazônia foram fundamentais a evidenciar esse fato.

As alternativas a essa forma de pensar, contudo, existem e se fazem necessárias, pois é preciso agir de forma mais democrática na gestão de um mundo comum - os não humanos não podem mais ser reduzidos a objetos mudos, só passíveis de serem evidenciados através de sujeitos humanos que detém o monopólio do discurso. Ciência e democracia encontram-se, assim, mais relacionadas do que se imagina.

Referências

1-CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

2-LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.

3-MORIN, Edgard. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

4-SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2004.

5-VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. Rio de Janeiro: Cosacnaify, 2008.

6-WAGNER, Roy. *The invention of culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.